

DA PRAE AOS ESTUDANTES: CONSTRUINDO DIÁLOGOS ENTRE A UFPEL E SEUS UNIVERSITÁRIOS POR MEIO DE GRUPO FOCAL

GABRIELA RODRIGUES SILVEIRA¹; MAISA EDUARDA NOVACK DIAS²;
LISANDRA BERNI OSORIO³, ANA LAURA SICA CRUZEIRO SZORTYKA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielarsilveira2@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – e-mail novackmaisa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lisandra.osorio@ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – e-mail da alcruzeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto do Estágio Específico I, obrigatório para a graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). As atividades foram realizadas na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) que, segundo o Plano de Desenvolvimento da Unidade (UFPel, 2022), é o setor responsável por ações vinculadas à permanência estudantil. Assim, financiada pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), a PRAE busca garantir condições de permanência a estudantes em vulnerabilidade socioeconômica, ampliando o acesso à educação superior, reduzindo desigualdades, prevenindo a evasão e promovendo inclusão social. Além disso, o PNAES defende que a permanência dos estudantes não se limita ao suporte financeiro, mas envolve também o cuidado com aspectos sociais, pedagógicos e psicológicos com o objetivo de auxiliar os estudantes a se manterem na universidade ao longo de sua formação acadêmica (UFPel, 2022). Desse modo, a PRAE, por meio do Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente (NUPADI), criado em 2012, acompanha estudantes em vulnerabilidade social, promovendo ações de apoio à aprendizagem, saúde mental e bem-estar, essenciais à permanência qualificada na universidade (UFPel, 2022).

Nesse contexto, para o Estágio Específico I com ênfase em prevenção e promoção da saúde, alunos de Psicologia devem desenvolver intervenções grupais na Pró-Reitoria, geralmente com foco terapêutico ou psicoeducativo. Contudo, observamos baixa adesão em grupos recentes, o que levou à adoção da perspectiva institucional de BAREMBLITT (1992), que defende a construção do conhecimento a partir da escuta e do contato direto com o campo, abandonando soluções pré-concebidas. Assim, optamos pela realização de um grupo focal como recurso metodológico para compreender as demandas estudantis, fundamentado na importância da linguagem, interação e subjetividade para a criação dos saberes em Psicologia (GONDIM, 2003). Essa pesquisa, portanto, busca contribuir para o entendimento das dificuldades enfrentadas por universitários da UFPel, coletando dados sobre as demandas e possibilidades de participação dos estudantes em propostas interventivas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, divulgamos um formulário online para alunos da UFPel com questões sociodemográficas, psicossociais e sobre experiências universitárias e apoio estudantil. A divulgação ocorreu por cartazes nos campi da universidade, postagens no Instagram da PRAE, compartilhamentos em grupos de WhatsApp e

impulsionamento em redes sociais (Instagram e Facebook) por cinco dias. A participação foi voluntária, mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Já na segunda etapa, a partir do formulário, selecionamos estudantes que demonstraram interesse na participação do grupo focal desenvolvido em quatro encontros presenciais de uma hora. A participação exigiu assinatura de novo TCLE, incluindo consentimento para gravação em áudio. A pesquisa seguiu as normas éticas para estudos com seres humanos e obteve aprovação do comitê de ética da UFPel.

Quanto aos critérios de inclusão e de exclusão para participação do grupo, foram considerados os seguintes elementos: desconsideramos participantes sem disponibilidade de horário, sem interesse ou com sofrimento psíquico grave (encaminhamos esses últimos para acolhimento adequado, visto que o grupo não tinha caráter terapêutico). Entre os demais, buscamos formar um grupo heterogêneo, priorizando diversidade de sexo, etnia, cursos e turnos. Já em relação à amostra, embora grupos focais recomendem entre quatro e dez participantes (GONDIM, 2003), quinze estudantes foram convidados. Desses, nove confirmaram presença, seis participaram do primeiro encontro (critério obrigatório) e, ao final, quatro permaneceram em todas as reuniões, formando uma amostra satisfatória.

Para condução dos encontros utilizamos o grupo focal como método de coleta qualitativa, por valorizar significados, narrativas e experiências dos sujeitos no contexto social (GONDIM, 2003). Nessa técnica, o conhecimento é construído na interação entre participantes e pesquisadoras, com a moderadora atuando como facilitadora da discussão. Por fim, no que tange à análise dos dados, embasamo-nos na perspectiva de MINAYO (2010), que propõe processo de pesquisa dividido em três etapas: (1) pré-análise (que envolve a organização do material empírico, leitura flutuante e definição de recortes temáticos); (2) exploração do material (fase em que realizamos a codificação e categorização dos dados, identificando os núcleos de sentido presentes nas falas dos participantes) e; (3) tratamento dos resultados e interpretações (etapa na qual os conteúdos identificados são interpretados a partir dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico adotado). Por meio dessa abordagem visamos compreender os significados atribuídos pelos participantes do grupo focal às suas experiências, respeitando a complexidade e a subjetividade inerentes ao campo investigado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do formulário, obtivemos 208 participações válidas, sendo que a amostra final do grupo focal foi composta por quatro estudantes. Desses, dois se identificam como mulheres cisgênero, um homem cisgênero e um preferiu não responder. Um autodeclarou etnia parda, três auto declararam-se brancos. Os integrantes possuíam entre 19 e 43 anos ($m=36,5$ anos) e estavam matriculados em cursos distintos de graduação na UFPel (cujas atividades se davam majoritariamente em três diferentes unidades acadêmicas), sendo que dois eram noturnos, um integral matutino/vespertino e um integral vespertino/noturno. Dois participantes estudavam à noite, um era beneficiário da PRAE, dois trabalhavam e dois haviam migrado para Pelotas a fim de se vincular à universidade.

Durante os encontros, foram identificadas cinco categorias principais nas temáticas emergentes: *visão acerca da PRAE; acolhimento estudantil; saúde mental e sobrecarga; visão dicotômica dos participantes sobre os docentes e barreiras de acesso na universidade*. Neste resumo, embora todas tenham

embasado a intervenção, destacamos as duas primeiras que ganharam um maior destaque pelos relatos ao longo das sessões.

Assim, acerca da categoria *visão dos participantes sobre a PRAE*, notamos falas marcadas predominantemente por percepções de apoio ineficaz ou por desconhecimento das ações da Pró-Reitoria. Dessa forma, a primeira subcategoria do tema refere-se à *percepção negativa da PRAE*. Alguns estudantes relataram experiências frustrantes quanto ao suporte psicológico oferecido. Um dos participantes destaca: “quando eu percebi que precisava de ajuda, procurei e me decepcionei” (P1). Estudantes relatam demora nos atendimentos individuais, ao passo que identificamos baixa adesão nos atendimentos em grupo. Além da preferência cultural por atendimentos individuais em detrimento aos grupais (DIMENSTEIN, 2000), segundo a Pró-Reitoria, essas dificuldades refletem a alta demanda e a escassez de recursos humanos. Além disso, a percepção negativa é reforçada quando alunos não conseguem acessar benefícios devido a parâmetros formais como exigências documentais ou por não se enquadrarem nos critérios socioeconômicos previstos pela Coordenação de Políticas Estudantis. Isso repercute na imagem da PRAE como um todo, trazendo prejuízo às ações promovidas pelo NUPADI.

A outra subcategoria identificada foi o *desconhecimento ou a falta de contato com a PRAE*, expresso em falas como “eu não tenho muito conhecimento dos outros grupos, eu não sei como funciona” (P2) e “eu nem sabia que tinha ajuda, ninguém me avisou” (P1), que revelam ausência de informação acessível sobre os serviços disponíveis. Esses achados apontam uma importante lacuna comunicacional que distancia os estudantes das iniciativas institucionais e limita o alcance das políticas de permanência, demonstrando a necessidade de investir tanto em estratégias de comunicação quanto em ações descentralizadas (fora do prédio da PRAE).

Ademais, no que se refere à categoria *acolhimento estudantil*, a primeira subcategoria identificada foi *falta de recepção institucional*, evidenciada em falas como: “eu acho que aqui não existe acolhimento aqui” (P4), “quando eu entrei não teve isso, por isso me senti muito desamparada” (P1), e “eu fiquei um pouco em cada semestre, nunca tive uma turma (...), a gente fica meio perdido” (P2) -, gerando sentimentos de desamparo, solidão e deslocamento. A percepção de falta de acolhimento foi identificada tanto entre alunos ingressantes pelo SISU quanto entre aqueles que chegaram por transferência ou outras formas de ingresso. Apesar da existência de um evento semestral de acolhida que geralmente se dá no Anglo (CCS, 2025), as falas apontam que o acolhimento deveria ser entendido não apenas como um evento pontual de recepção, mas como um processo contínuo e integrado. Nesse sentido, destaca-se ainda o Projeto PRAE Acolhe!, que desde a pandemia realiza ações itinerantes nos campi a cada início de semestre, divulgando informações sobre a universidade, auxílios e prevenção em saúde. No entanto, segundo a própria coordenação do Projeto, a adesão dos estudantes é limitada, já que a participação depende da circulação entre as aulas, sendo que a liberação oficial dos alunos nesse dia poderia ampliar o alcance da iniciativa.

Ainda dentro da categoria do acolhimento, a segunda subcategoria é *falha na comunicação institucional*, com informações importantes não chegando de forma clara aos estudantes. Exemplos disso incluem desconhecimento sobre cargas horárias obrigatórias ou sobre a dinâmica dos cursos: “muita gente não sabe quando chega na disciplina e descobre que tem que fazer 165 horas” (P2), “quando eu cheguei aqui, achei que teríamos aula somente no CAMPUS A, mas

descobrimos que era quase tudo no CAMPUS B” (P3). Conforme defendemos previamente, a ausência de informações acessíveis compromete a adaptação dos alunos e reforça a sensação de isolamento, além de limitar o alcance das políticas de permanência. Apesar dessas dificuldades, a PRAE tem desenvolvido ações importantes nos últimos anos, como grupos terapêuticos, salas pedagógicas, rodas de conversa, projetos de inclusão digital, apoio na produção acadêmica, além de iniciativas antirracistas como a Sala das Pretas. Em 2019, foi criada a cartilha “Cheguei na UFPEL, e agora?”, reunindo informações sobre *campi*, serviços e setores. Contudo, os participantes demonstraram desconhecer o material. De modo geral, os relatos indicam que o acolhimento institucional ainda é percebido como insuficiente e descontínuo, afetando diretamente a adaptação e o engajamento estudantil.

4. CONCLUSÕES

Ao assumir a postura institucional proposta por BAREMBLITT (1992), foi possível identificar que, para os estudantes da UFPEL, é necessário repensar estratégias de recepção, comunicação e acompanhamento que incluam todos os ingressantes, sejam eles do SISU ou de vias alternativas, fortalecendo os vínculos com a universidade e reduzindo os sentimentos de isolamento. Além disso, a discussão das demais temáticas identificadas no grupo também será publicada e esse levantamento servirá para a criação das diretrizes do trabalho interventivo aplicado durante a disciplina de Estágio Específico II. Além do planejamento da intervenção em si, seguiremos investigando as possibilidades da comunidade acadêmica em relação à adesão aos grupos de apoio da PRAE por meio da análise dos dados coletados via formulário, que alcançou a relevante amostra de mais de 1% do total de alunos da UFPEL em participações válidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CCS - COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFPEL. UFPEL promove Acolhida 2025/1 para receber mais de 17 mil alunos. **UFPEL**, 16 abr. 2025. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2025/04/16/ufpel-promove-acolhida-2025-1-para-receber-mais-de-17-mil-alunos/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BAREMBLITT, G.. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**, (1a ed.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

DIMENSTEIN, M. (2000). A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de Psicologia** (Natal), 5, 95-121.

GONDIM, S. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 23-30, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

UFPEL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Plano de Desenvolvimento da Unidade – PDU: 2022/2–2024/1**. Pelotas: Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, 2022.